

Comentário de Conjuntura

O cenário global, em junho, permaneceu condicionado por assimetrias de desempenho entre as principais economias, pela reprecificação de ativos e pela persistência das incertezas comerciais, fatores que seguiram pressionando o balanço de riscos. A combinação de núcleos de inflação ainda elevados e de condições financeiras apertadas sustenta o viés de cautela por parte dos principais bancos centrais, limitando a atuação em busca de uma política monetária mais flexível.

Nos Estados Unidos, os indicadores de atividade ainda sinalizam moderação no ritmo de crescimento, em meio à política monetária restritiva. A inflação segue pressionada por componentes específicos relacionados aos preços de *commodities*, como alimentação e energia, mas sem evidências claras, até o momento, de impacto das novas tarifas comerciais. O Federal Reserve manteve a taxa de juros inalterada na reunião de junho e atualizou seu cenário prospectivo. A mediana do comitê ainda sugere dois cortes em 2025, mas a distribuição das projeções se tornou mais conservadora e bimodal. A sinalização predominante é a de que não haverá corte de juros antes de setembro.

Na Europa, a autoridade monetária reduziu a taxa de juros para 2% em junho e mostrou propensão a manter a estabilidade dos juros nas próximas reuniões, salvo deterioração relevante do ambiente externo, especialmente nas negociações tarifárias com os EUA. A inflação segue em nível moderado, enquanto os indicadores de atividade sugerem algum grau de desaceleração adicional ante o previsto no início do ano.

No Brasil, os dados iniciais do segundo trimestre seguem sinalizando moderação da atividade econômica. Não obstante, o mercado de trabalho manteve a geração de empregos formais em ritmo robusto, com recuo da taxa de desemprego. A inflação apresentou arrefecimento, com redução dos núcleos e dos custos de serviços subjacentes, embora em taxas ainda acima do nível compatível com a meta. Diante desse cenário, o Copom elevou a Selic em 25 bps, mas indicou que, caso o cenário prospectivo se confirme, o atual patamar de juros pode ser suficiente para conduzir a inflação à meta. O comitê reforçou não haver discussão sobre cortes no curto prazo.

Recursos Garantidores

R\$ 729,7 milhões

Superavit Técnico

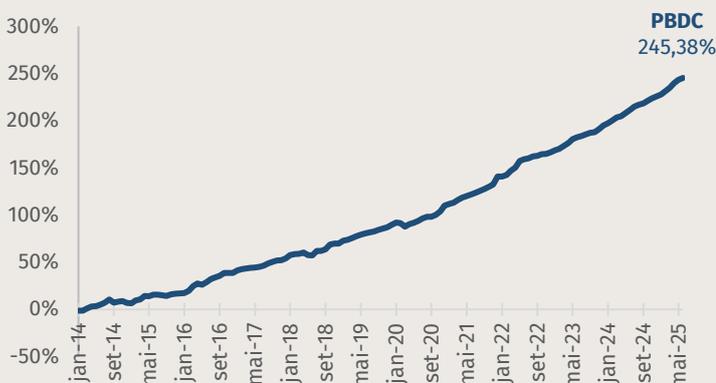
Superavit Acumulado	R\$ 102,0 milhões
Provisões Matemáticas	R\$ 377,3 milhões
% Provisões Matemáticas	27,0%

Histórico de Rentabilidade (%)

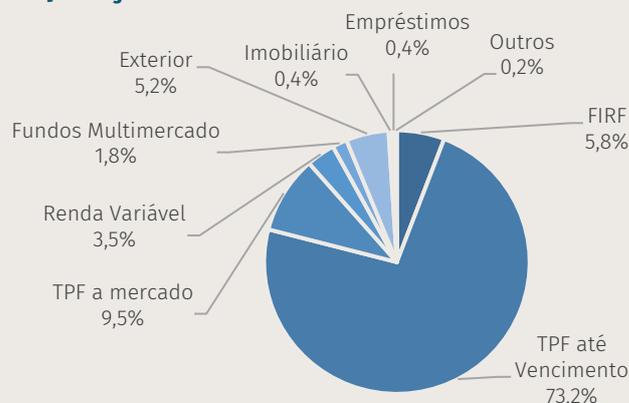
	2024			2025					12 meses	24 meses	36 meses	60 meses
	1º Sem	2º Sem	Ano	1º Tri	Abr	Mai	Jun	Ano				
PBDC - Rent. líq.	5,55	4,60	10,41	2,85	1,45	1,02	0,58	6,01	10,88	22,32	33,32	78,25
Meta Atuarial ^{1/}	4,35	4,15	8,71	2,97	0,73	0,56	0,54	4,88	9,25	18,07	26,31	65,77
IPCA	2,48	2,29	4,83	2,04	0,43	0,26	0,24	3,00	5,35	9,33	13,22	37,25
CDI	5,22	5,38	10,87	2,98	1,06	1,14	1,10	6,43	12,14	25,24	42,20	58,01

1/ IPCA + 4,5% a.a. entre 2017 e 2020, IPCA + 4,0% a.a. em 2021 e IPCA + 3,70% a.a. a partir de 2022.

Rentabilidade Histórica



Composição da Carteira



Destaques de Desempenho

A carteira de investimentos do plano apresentou rentabilidade de 0,58% em junho, com destaque para os desempenhos dos segmentos de maior risco, como Renda Variável e Estruturado. Os ativos de Renda Fixa, maior parcela da carteira, valorizaram 0,68%, refletindo o fechamento da curva de juros no mês. O segmento Exterior, apesar do desempenho positivo dos mercados acionários, refletiu a desvalorização do dólar frente ao real.

Segmento de Aplicação	Rentabilidade (%) Jun/25
Renda Fixa	0,68
Renda Variável	1,49
Estruturado	1,73
Exterior	-2,31
Imobiliário	0,12
Op. Participantes	0,97